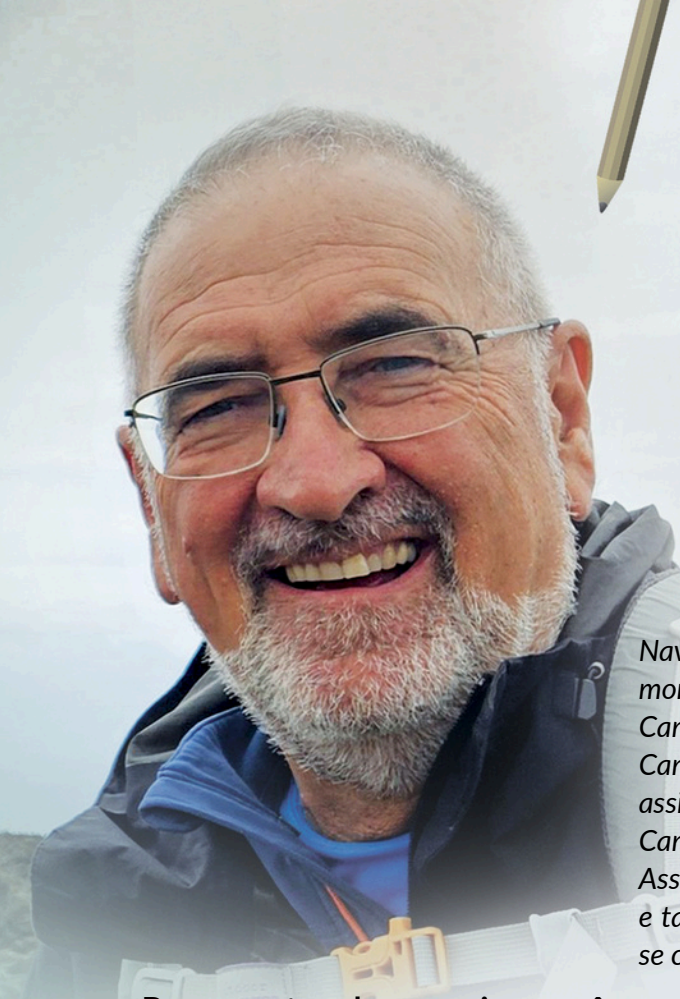




Carlos Sanjuán Villafranca

Navarra, é peregrino, hospitalero (voluntário em albergue), montanhista e caminhante. Teve seu primeiro contato com o Caminho de Santiago em 1993. Até hoje, percorreu todo o Caminho Francês três vezes e completou muitas etapas, assim como as de outras rotas (o Caminho Aragonês, o Caminho da Costa e o Caminho de Baztan). É membro da Associação de Amigos do Caminho de Santiago em Navarra e também em León. Permanece apaixonado pelo Caminho e se considera um peregrino.

Bem-aventurado peregrino, você que parte...

Sou um de vocês, um entre tantos peregrinos, um companheiro de todos, um camarada, amigo e irmão daqueles que percorreram o Caminho de Santiago na Idade Média e daqueles que o fizeram nos séculos posteriores, nos últimos anos do século XX, e suponho que também daqueles que o fazem este ano, talvez até mesmo neste exato dia.

Completei meu primeiro Caminho de Santiago em 1993 e, embora tenha tido a oportunidade de repeti-lo, foi essa primeira vez que me marcou profundamente, me comoveu intensamente e foi, sem dúvida, a experiência mais marcante que vivi.

Lembro-me de que, em cada lugar por onde passava, em cada igreja que visitava ou participava de uma celebração, eu me perguntava constantemente quantas outras pessoas haviam estado ali como eu naquele momento. Pensava nos peregrinos medievais, obrigados a percorrer o caminho de ida e volta, como lidavam com bolhas nos pés e exaustão, ou como enfrentavam outros problemas inimagináveis para nós. Aprendi que, nos Montes de Oca, alguns morreram atacados por lobos. Também refleti sobre o medo intenso que sentiam de uma morte sem salvação eterna, em meio a epidemias de peste.

Três anos depois, tive a maravilhosa experiência de ser um hospitalero voluntário. Tentei retribuir um pouco do que esse Caminho de Santiago maravilhoso me proporcionou. Ali, no albergue Los Arcos, havia uma frase pendurada na parede que dizia:

“Bem-aventurado peregrino, tu que partes, pois não retornarás aquele que partiu.”

Aquilo me impactou, me comoveu, senti uma clara conexão com a frase. "Eu não havia retornado aquele que partiu." Voltei com uma consciência maior do que eu tinha e do que me cercava, mais consciente de quem eu era e de quão afortunado eu era. Mais em paz comigo mesmo e com o mundo, a natureza e Deus. Sempre que penso no Caminho, lembro-me dessa frase.

Mais de trinta anos se passaram desde então, e recentemente tive a oportunidade de rever as anotações que fiz durante aquele primeiro Caminho. Minhas anotações daquela época, vistas hoje, não me levam mais a lembrar de peregrinos medievais ou de épocas anteriores, mas sim a pensar em vocês que caminham ano após ano.

Costuma-se dizer isso, mas é verdade: a vida mudou muito! Aqueles de nós que percorreram o Caminho em 1993 viveram uma experiência que agora é histórica porque foi tão única, tão impossível de repetir. Para aqueles que caminham hoje, somos quase como peregrinos medievais. Não, não fomos devorados por lobos, não tivemos que voltar a pé, mas caminhamos durante todo o mês até chegarmos ao nosso destino. Não tínhamos veículo de apoio; carregamos nossas mochilas o mês inteiro. Às vezes, na cidade de destino, não havia albergue, e certamente não podíamos reservar um, nem ligar para fazê-lo. O aspecto mais marcante dessa mudança histórica foi a ausência de telefones celulares. Com isso, veio a ausência de câmeras, música, informação e entretenimento e, acima de tudo, a perda de comunicação com quem quer que estivesse esperando por nós, independentemente de onde tivéssemos partido. Mesmo o serviço de telefonia fixa era instável em muitas áreas rurais. Vocês conseguem imaginar os peregrinos de hoje fazendo algo assim sem telefones celulares, sem que você ou qualquer pessoa com você tenha um?

Há outras diferenças enormes. A superlotação atual, com suas dificuldades de acomodação. A grande diversificação, a globalização das origens daqueles que caminham. Naquela época, nos identificávamos pela nossa cidade natal, talvez um francês aqui e ali, mas hoje... anglo-saxões, brasileiros, coreanos caminham ao lado de australianos e vários europeus. E, além disso, há a presença de agências que organizam tudo do começo ao fim.

Talvez também uma perda de espírito no sagrado, na abordagem espiritual, na busca do eu interior. O peregrino de hoje vem para celebrações religiosas? Não apenas para visitar catedrais? Ele marca em seu certificado de Compostela que o fez por motivos espirituais ou religiosos? Que ninguém se engane, não estou tentando pregar que o passado era melhor. Estou simplesmente relatando o que aconteceu.

Mas a grande pergunta que me faço, e que faço a todos os que caminharam naqueles anos e aos que caminham agora: VOCÊ VOLTOU O MESMO QUE SAIU? Ou, se você chegou recentemente, VOCÊ VOLTOU O MESMO QUE SAIU? Se a resposta for que você se tornou outra pessoa, então o Caminho permanece o mesmo.